

‘Perturbando o Real’: política e ideologia em Slavoj Žižek

Rafael Burgos

Resumo: Considerando a relevância dos escritos do filósofo Slavoj Žižek para a política contemporânea, o artigo busca elucidar os principais conceitos que embasam a sua teoria crítica da ideologia, tendo em vista os modos de confrontação do poder ideológico por meio de uma política que, em suas palavras, perturbe o Real do antagonismo. Com base em suas elaborações acerca do cinismo, o artigo discute as intervenções políticas propostas pelo pensador esloveno como modo de romper com a distância cínica que caracteriza as formas ideológicas contemporâneas. Os resultados da investigação apontam para a atualidade de sua obra num contexto de profundas transformações no campo político global, tendo em vista a ascensão da extrema direita e o consequente desarranjo do tabuleiro ideológico da democracia liberal.

Palavras-Chave: Ideologia, Extrema direita, Superidentificação

Introdução

Com o objetivo de contribuir com o debate acerca das formas de intervenção político-ideológica no capitalismo contemporâneo, tendo em vista a série de desafios que emergem da recente ascensão da extrema direita em nível global, o artigo acessa o destacado trabalho do filósofo esloveno Slavoj Žižek a respeito da teoria crítica da ideologia, com atenção especial para as formas de ação política que abraçam o conceito hegeliano de universalidade concreta.

No primeiro capítulo, explicamos brevemente a releitura marxista promovida pelo autor, a partir de uma articulação entre o idealismo alemão e a psicanálise lacaniana. Com base nesse arranjo teórico, Žižek propõe uma crítica da ideologia que vá além da leitura sintomal característica dos marxistas tradicionais, tendo em vista a sua recusa fundamental da ideologia enquanto “ilusão”. Apresentamos o conceito de cinismo, introduzido por Sloterdijk, à luz de suas implicações sobre as estratégias de confrontação política no capitalismo.

Com base nessa problemática, o capítulo seguinte explica de que modo a universalidade concreta, proposta por Hegel e retomada por Žižek, está no cerne do

pensamento político zizekiano, com olhar atento para o seu diálogo com a psicanálise lacaniana. Adentramos o debate entre Žižek e Foucault, mostrando como a noção da transgressão como fundamento da Lei representa, na obra do esloveno, um modo de ir além do que propôs o pensador francês. Ainda, com os exemplos da ‘Bartleby Politics’ e da superidentificação, buscamos dar conta dos impasses políticos endereçados pela crítica da ideologia zizekiana, apontando para estas duas formas de intervenção enquanto saídas possíveis para o dilema da falsa consciência esclarecida.

Por fim, propõe-se uma reflexão a respeito da ascensão da extrema direita, à luz das incompletas, porém não menos instigantes, reflexões externadas por Žižek, um atento observador deste fenômeno político. Interessa para este artigo pensar de que forma a sua teoria da ideologia pode nos ajudar, primeiramente, a localizar os modos de manifestação da ideologia na contemporaneidade e, em seguida, à luz dos desafios recentes, refletir sobre a sua pertinência num contexto histórico marcado por sucessivas disrupções políticas, econômicas e sociais.

Cinismo: ou ideologia para além da ilusão

Ao promover uma improvável releitura da obra de Marx por meio de uma articulação entre Hegel e Lacan, Žižek contribuiu, decisivamente, para a renovação da crítica da ideologia, importante tradição de pensamento que encontrou na Escola de Frankfurt, bem como em pensadores tal qual Althusser, Lukács e Laclau, dentre outros filósofos marxistas, alguns de seus principais veículos de reflexão no século XX.

Ao reler a obra marxiana apoiado na afirmação lacaniana de que “Marx inventou o sintoma”, Žižek assume a recusa de um lugar externo ao todo ideológico como fundamento da crítica da ideologia. Para o filósofo esloveno, ao contrário:

[...] acaso a crítica da ideologia não implica um lugar privilegiado, como que isento das perturbações da vida social, que faculta a um sujeito-agente perceber o mecanismo oculto que regula a visibilidade e a invisibilidades sociais? A pretensão de podermos aceder a esse lugar não será o exemplo mais patente de ideologia? (ŽIŽEK, 1996, p. 9)

É a partir dessa discordância fundamental que enxergamos a articulação propriamente zizekiana entre Hegel e Lacan para se contrapor a um debate surgido sobretudo no pós-Guerra Fria segundo o qual estaríamos vivenciando uma “sociedade pós-ideológica”. Por isso que, para Žižek,

[...] a única maneira de “salvar Hegel” é através de Lacan, e é por esta leitura de Hegel e da herança hegeliana que Lacan realiza uma nova abordagem da ideologia nos permitindo entender fenômenos ideológicos contemporâneos (cinismo, totalitarismo, o estatuto frágil da democracia) sem cairmos em qualquer armadilha “pós-moderna” (como a ilusão que vivemos em uma pós-ideologia). (ŽIŽEK, 1989, p.7)

Mas reivindicar a ausência de um lugar privilegiado para a crítica da ideologia não é suficiente. Como demonstra Silva (2020), num denso trabalho dedicado à obra de Žižek, o pensador dá um passo adiante ao defender, apoiado no conceito de fantasia ideológica, a permanência na ilusão, ou a “travessia da fantasia”, como fim último da crítica da ideologia, num movimento que expõe a influência decisiva de Lacan sobre o seu pensamento:

[...] a ideia zizekiana de “fantasia real” acompanha a noção psicanalítica de que o confronto do real só ocorre pelo interior da fantasia ideológica. Uma ideia vinculada à noção do quanto é necessário se manter no domínio da ilusão para captar seu Real, já que este, como sabemos, é algo que escapa à positivação simbólica. (SILVA, 2020, p.116)

Ao assumir a permanência na ilusão como lugar da crítica, Žižek inaugura um rompimento com a tradição marxista clássica, que concebe a ideologia pelo paradigma da “falsa consciência”. Segundo esta corrente, a emancipação da classe trabalhadora, no contexto de funcionamento do sistema capitalista, implicaria a superação da ilusão ideológica. A função da crítica da ideologia, nessa perspectiva, seria a de desvendar o conteúdo real por trás das aparências.

Se, de outro modo, para Žižek, a ideologia é o que constitui o nosso estar no mundo; ou se ela está em ação em tudo o que vivenciamos como “realidade”, o lugar neutro da crítica da ideologia simplesmente inexistente. É neste momento que a sua concepção da ideologia se desloca daquela permeada pela “falsa consciência” por aquela manifestada na “falsa consciência esclarecida”.

À luz das reflexões do filósofo alemão Peter Sloterdijk, em sua clássica obra *Crítica da razão cínica*, Žižek recupera o conceito de cinismo como cerne da forma ideológica contemporânea e, assim, como modo de dar corpo à sua desconfiança fundamental quanto à abordagem clássica do marxismo. Na razão cínica, inaugurada por Sloterdijk, a falsa consciência se transforma em “falsa consciência esclarecida”: recusa-se a figura do desconhecimento ou da aparência para se apontar uma contradição inerente entre o “saber” e o “fazer”: a ideologia cínica estaria, portanto, expressa na transformação da célebre formulação marxista “eles não o sabem, mas o fazem” em “eles o sabem e ainda assim o fazem”. Afinal, como sustenta Žižek, “[...] sabe-se muito bem da falsidade, tem-se plena

ciência de um determinado interesse oculto por trás de uma universalidade ideológica, mas, ainda assim, não se renuncia a ela. (ŽIŽEK, 1996, p. 422).

Trata-se, portanto, de apontar a ineficácia da *leitura sintomal* como norte desta crítica, ou de problematizar a metodologia pela qual um dado universo ideológico é confrontado com uma exceção particular que o contradiz. Segundo Žižek - e isto é crucial -

[...] todo Universal ideológico - por exemplo, a liberdade, a igualdade - é “falso”, na medida em que necessariamente inclui um caso específico que rompe sua unidade, que expõe sua falsidade. [...] ao vender “livremente” sua força de trabalho, o trabalhador *perde* sua liberdade - o conteúdo real desse livre ato de venda é a escravização do trabalhador ao capital. O aspecto crucial, é claro, é que essa liberdade paradoxal, a forma de seu oposto, é precisamente o que fecha o círculo das “liberdades burguesas”. (Ibid., p.413-14)

Apontar a razão cínica como modo predominante de funcionamento da ideologia na modernidade não é sem implicações para as pretensões da resistência anticapitalista. A investigação deste artigo se guia por uma pergunta fundamental que se segue ao reconhecimento zizekiano: se a distância perante os seus próprios pressupostos é o principal modo de funcionamento do poder, de que maneira é possível desestabilizá-lo? Ou, em outras palavras, como superar o paradigma da desidentificação com o poder, tendo em vista que desacreditar os valores do status quo não implica uma fissura em seu funcionamento?

Universalidade concreta: ou a transgressão como fundamento da Lei

Em *A visão em paralaxe* (2008), considerada pelo próprio Žižek uma de suas principais obras, bem como em *The plague of fantasies* (2008), o autor recorre a alguns exemplos sobre a cultura militar para ilustrar o conceito lacaniano de complemento obscuro da Lei simbólica, crucial para diferenciar a sua abordagem daquela sustentada por pós-estruturalistas tal qual Foucault (1926-1984).

No primeiro dos exemplos que interessam a este artigo, Žižek concebe a homossexualidade numa comunidade de soldados. Segundo ele, embora, publicamente, assumir-se homossexual num círculo permeado de apelos a lugares tradicionais da heteronormatividade implique o sofrimento de torturas físicas e psicológicas, “essa homofobia explícita é acompanhada de uma rede implícita excessiva de insinuações homossexuais, piadas de caserna, práticas obscenas etc.” (ŽIŽEK, 2008a, np). Para Žižek, deve-se entender que, neste aspecto, a verdadeira resistência à aceitação de gays no universo militar não se deve a um medo de que a homossexualidade confronte a economia libidinal

heteronormativa do Exército, mas “[...] ao contrário, porque a economia libidinal da comunidade militar, em si, depende de foracluir a homossexualidade enquanto componente essencial do laço masculino dos soldados (ŽIŽEK, 2008b, p. 31)”.

Em outro exemplo, ainda tratando do universo militar, o autor recorda o escândalo da prisão de Abu Ghraib, que veio à tona após a revelação de fotos de abusos cometidos pelo Exército estadunidense bem como pela CIA (Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos) contra prisioneiros iraquianos no começo da Guerra do Iraque¹.

Para o filósofo esloveno, não se trata de confrontar o “fundamentalismo islâmico” com o seu contraponto ocidental, mas de compreender as formas pelas quais a prática de tortura e violência, publicamente condenada por instituições estadunidenses, se manifesta na própria cultura do país, por meio de “práticas subterrâneas obscenas que sustentam o edifício ideológico” (ŽIŽEK, 2008a, np), como é o caso, por exemplo, dos ritos iniciáticos de humilhação característicos em certas comunidades fechadas, a exemplo das universidades.

Žižek, com efeito, compreende essa prática sistemática de violência estatal não exatamente como um elemento que contradiz e que, portanto, depõe contra a moral ocidental, mas, precisamente, como a sua condição de existência, um elemento sintomático que, para o bem da eficiência da realidade simbólica, deve ser sempre mantido a uma distância segura. Por isso,

[...] Abu Ghraib não foi simplesmente um caso de arrogância norte-americana diante de um povo do Terceiro Mundo: ao serem submetidos a torturas humilhantes, os prisioneiros iraquianos foram, de fato, iniciados na cultura norte-americana; puderam experimentar o avesso obscuro que forma o complemento necessário dos valores públicos de dignidade pessoal, democracia e liberdade. (ŽIŽEK, 2008a, np)

É neste ponto que fica clara a divergência acima apontada entre a abordagem zizekiana e aquela sustentada por Foucault, centrada na descrição do funcionamento dos micropoderes na sociedade moderna. A partir de Žižek, presenciamos uma tentativa de dar conta, por meio de Hegel e da psicanálise lacaniana, da negatividade que constitui, essencialmente, toda forma positiva já posta; e nesse sentido cabe apresentarmos aqui o conceito hegeliano de universalidade concreta, recuperado por Žižek na já citada obra *A visão em paralaxe*.

A prática da universalidade concreta, na abordagem do autor, ocorre quando “se confronta a universalidade com seu exemplo ‘insuportável’” (ŽIŽEK, 2008a, np). Para ilustrar, seguindo os exemplos anteriores, praticar a universalidade concreta com relação à

¹ Ver: <https://www.aljazeera.com/opinions/2017/10/1/abu-ghraib-the-legacy-of-torture-in-the-war-on-terror>

ideologia militar significaria expor como o cerne não dito de seu edifício ideológico estaria não no culto à heteronormatividade, seguido da repressão a práticas vistas como dissonantes de um ideal masculino, mas, precisamente, na forclusão do “exemplo insuportável”, que, no caso, implica transferir as suas fantasias homossexuais para o lugar informal das piadas.

Deve-se dizer, para complementar, que este lugar não dito em que as fantasias “dissonantes” se manifestam não é, na leitura de Žižek, produto de uma incoerência interna, ou da incapacidade, por parte dos soldados, de assumirem uma posição moral mais “diversa”. Como vimos - e insistimos neste ponto -, é *exatamente* por foracluir este elemento obscuro que a ideologia militar sobrevive. Trata-se de compreender, na visão de Vighi e Feldner, autores de *Žižek: beyond Foucault* (2007), como o “poder gera o seu próprio excesso, o qual deve ser aniquilado em uma operação que deve imitar o que combate” (VIGHI; FELDNER, 2007, p. 34.).

Recordemos, por fim, que a divergência zizekiana com o marxismo tradicional, sustentáculo de sua teoria da ideologia, é compartilhada por Foucault no que diz respeito à recusa da ideologia enquanto ilusão, ou como uma “representação distorcida da realidade” (Ibid. p. 34). Entretanto, é esta preocupação com a obscenidade da Lei, ou com o seu Real, exposta nos exemplos citados, que marca uma diferença fundamental entre os dois autores.

Se, em Foucault, poder e contrapoder se retroalimentam, para Žižek, não se trata, apenas, de afirmar uma solidariedade entre o universo legal e a sua transgressão, mas de apontar esta própria transgressão como condição ontológica da Lei. De forma que a ausência deste espectro obscuro, do particular que contradiz o universal, implicaria a própria dissolução da realidade simbólica. Por isso que “[...] Não só, como diria o clichê, a universalidade se baseia numa exceção; Lacan dá um passo além: a universalidade é sua exceção, ela ‘aparece como tal’ em sua exceção”. (ŽIŽEK, 2008a, np).

Da ‘Bartleby Politics’ à superidentificação: modos de perturbar o poder

Vimos, portanto, que o poder totalitário, para Žižek, adquire forma por meio de uma ideologia cínica e que, assim, não há ilusão a partir da qual a classe trabalhadora possa orientar a sua emancipação. Disso se seguiu uma superação da abordagem foucaultiana dos micropoderes, pela qual passamos a identificar a transgressão à norma não apenas como um elemento que *serve* a ela, mas, precisamente, como sua *condição ontológica*. E, então, na universalidade concreta, vislumbramos uma saída possível deste arranjo, sustentada na confrontação da Lei com o seu elemento obscuro.

Da articulação anterior resulta que restam duas formas possíveis, se não de confrontar o poder, ao menos de *perturbá-lo*, jogando contra ele os seus elementos fantasmáticos e, assim, pondo em prática a universalidade concreta. A primeira delas implicaria uma recusa fundamental, associada por Žižek ao personagem Bartleby, que dá nome ao conto Bartleby, o Escrivão, de Herman Melville. Na história, Bartleby, após ser contratado para a vaga de escrivão num escritório de advocacia em Wall Street, começa a esboçar uma personalidade que frustra as expectativas do sócio do escritório, narrador do conto.

Após uma primeira impressão de eficiência e envolvimento comuns a um simples cumpridor de tarefas, Bartleby traça um caminho que o distingue por completo, e que deixa perplexo o seu patrão. Por meio da frase “Eu preferiria não fazer”, Bartleby, de início, se nega a revisar um documento proposto pelo sócio e, com o tempo, a frase se transforma num imperativo categórico da sua rotina de trabalho. A atitude de negar provimento a um simples comando burocrático e, portanto, de contrariar o bom funcionamento dos negócios do patrão, representante do sistema financeiro norte-americano, representa, para Žižek, o “verdadeiro ato de transgressão”, afinal, segundo o filósofo,

Hoje, a ameaça não é a passividade, mas a pseudoatividade, a ânsia de “ser ativo”, de “participar”, de mascarar a Nulidade do que acontece. Todos intervêm o tempo todo, “fazem alguma coisa”, os acadêmicos participam de “debates” sem sentido e assim por diante, mas a verdadeira dificuldade é dar um passo para trás, é se afastar disso tudo. Os que estão no poder muitas vezes preferem até a participação “crítica”, o diálogo, ao silêncio - só para nos envolver num “diálogo”, para garantir o rompimento da nossa agourenta passividade. (ŽIŽEK, 2008a, np)

Evidentemente, a reivindicação deste ato foi objeto de críticas, inclusive de interlocutores de Žižek, como demonstrou Bryar em *Preferring Žižek’s Bartleby Politics* (2018). A principal delas aponta a ineficiência, ou o estado de paralisia, que adviria desta recusa, sugerindo a necessidade de um “segundo passo”. Entretanto, como o próprio Žižek deixa claro, nessa crítica escapa a negatividade constitutiva da ‘Bartleby Politics’, uma vez que o seu horizonte não se resume a inscrever um ato - ou um “não ato” - numa perspectiva de transformação ordinária; a pretensão deste gesto é, precisamente, perturbar os lugares de poder e contrapoder, revelando o Real superegoico do sistema instituído, o equivalente a uma “mudança paralática”. Nas palavras do autor:

A atitude de Bartleby não é apenas o primeiro estágio preparatório para o segundo mais “construtivo” de formação de uma nova ordem alternativa; ela é a própria fonte e o pano de fundo dessa ordem, seu fundamento permanente. A diferença entre o gesto de recuo de Bartleby e a formação da nova ordem é, de novo e pela última vez, de paralaxe: a atividade frenética e engajada de construção de uma nova

ordem é sustentada por um “Preferiria não” subjacente que reverbera para sempre nela (ŽIŽEK, 2008a, np)

Como afirma Bryar, recuperando análise de Johnston, o silêncio decorrente do ato transgressor “eu preferiria não fazer” pode ser associado ao da cura psicanalítica e, portanto, à “travessia da fantasia” que está no âmago da política defendida por Žižek. Metaforicamente, pode-se dizer que esta travessia seria “[...] o ponto final da terapia, isto é, que o analista está ativamente engajado na terapia até o momento em que o analisando atravessa a sua fantasia, tempo após o qual o analista deve estar em silêncio”. (BRYAR, 2018, p. 12)

Se, no capitalismo tardio, as palavras já não importam, já não geram um compromisso, perdendo, portanto, o seu poder de execução (ŽIŽEK, 1996, p. 28), talvez seja o caso de contemplar a recusa de Bartleby, e o gesto silencioso fruto dela, como um ponto de partida *e de chegada*. Para encerrar a abordagem de Bartleby, devemos lembrar Adorno, sugerindo a semelhança entre a “pseudoatividade” alegada por Žižek e aquela característica das multidões fascistas descritas pelo filósofo alemão.

Para Adorno (1951), estas seriam “inabordáveis” justamente em razão de suspeitarem de sua própria crença, de modo que “[...] se parassem para raciocinar por um segundo, toda a encenação desmoronaria, e só lhes restaria entrar em pânico”. O fascismo, nessa perspectiva, é descrito como uma marcha, posta em prática exclusivamente pelo benefício de *estar em movimento*, evitando, assim, o silêncio que desorienta - ou a travessia da fantasia ideológica.

A segunda alternativa para perturbar o poder por meio da universalidade concreta tem origens na década de 80, mais precisamente na escola lacaniana da Eslovênia, tradição da qual Žižek faz parte, e de onde emergiu a chamada Nova Escola Eslovena (NSK), grupo que serviu-se da psicanálise lacaniana como norte de seu *artivismo* - intervenções político-culturais que provocaram grande alvoroço na Iugoslávia e, posteriormente, também no Ocidente.

A banda de rock industrial Laibach, principal braço da NSK, foi objeto de análises por Žižek em razão de suas aparições perturbadoras e que levaram muitos dos seus próprios fãs a questionarem a natureza de sua agenda ideológica. Adepta de uma estética que articula elementos fascistas com símbolos stalinistas e, também, elementos da cultura Volk eslovena, as intervenções da banda são marcadas pelo uso da superidentificação, que consistiria num modo de reivindicar os valores do status quo ideológico, porém de forma tal que se rompe a

distância cínica, trazendo à tona as contradições inerentes aos sistemas totalitários, incluídos nessa conta o socialismo real esloveno e o capitalismo.

Dois exemplos salientes de ambas intervenções são abordados por Monroe na obra *Interrogation machine: Laibach and NSK* (2005), um detalhado retrato da NSK e do contexto histórico em que ela nasceu. No caso dos conflitos internos diante do regime pós-stalinista da Eslovênia, o mais famoso deles diz respeito ao Festival da Juventude ocorrido em 1987, na data do aniversário de Josip Tito, ditador iugoslavo. Na ocasião, a NK (Novo Coletivismo), um dos braços da NSK, venceu o prêmio de melhor pôster, com um desenho de entornos nacionalistas. Depois, descobriu-se que a arte resultava de uma apropriação de uma produção original, intitulada “Uma alegoria heroica do Terceiro Reich” (MONROE, 2005, np), com alguns elementos da simbologia nazista tendo sido substituídos por “equivalentes” da cultura iugoslava, o que gerou enorme constrangimento da cúpula organizadora do evento.

Já a face obscura do sistema capitalista foi mais bem trabalhada pela banda Laibach, em músicas que representam um cover de conjuntos do rock mainstream como Rolling Stones, Beatles e Queen. No caso de “Geburt Einer Nation”, por exemplo, cover da música “One Vision”, do Queen, um som pop é transformado num hino de contornos fascistas, por meio de inserções rítmicas que pervertem inteiramente a experiência estética da música original.

Para Alexei Monroe, autor da biografia da NSK, a partir dessa superidentificação, tem-se o efeito de se estar diante, não de uma cópia eslovena de um produto ocidental, mas de um “novo original”, como se a união do original com os seus fantasmas não ditos construísse uma cópia ainda mais verdadeira. A abordagem zizekiana concebe este efeito, à luz de Lacan, como o Real que sucede a dissimulação, afinal “[...] *a distorção e/ou dissimulação é reveladora em si*: o que desponta através das distorções da representação exata da realidade é o real – ou seja, o trauma em torno do qual se estrutura a realidade social” (ŽIŽEK, 1996, p. 39)

Para Žižek, o aspecto crucial trazido à tona pelas aparições do Laibach diz respeito ao modo como, por meio de suas intervenções, se rompe a distância cínica característica do universo “pós-ideológico” contemporâneo. À diferença de formas artísticas pós-modernas, o Laibach propõe uma identificação com o sintoma que

[...] “frustra” o sistema (a ideologia dominante) precisamente por não ser uma imitação irônica, mas a sua superidentificação - trazendo à luz o superego obscuro do sistema, a superidentificação suspende a sua eficiência. (ŽIŽEK, 1993)

A ironia é que o efeito desestabilizador - ou a condição efetiva de “contrapoder” - da superidentificação deriva, precisamente, da incapacidade de determinar as suas pretensões. Em outras palavras, fosse inegável e explicitamente uma imitação irônica, a superidentificação já seria outra coisa. Por isso que, reforçando o que dissemos no começo do capítulo, devemos conceber estes exemplos não como *confrontação* do poder, mas enquanto *perturbação* deste, e a eficiência desta perturbação deriva, precisamente, de sua recusa a afirmar-se enquanto um fora-do-poder. É neste momento que o sistema ideológico se confronta com o seu fantasma oculto, num jogo que o convida a questionar a sua própria integridade.

Considerações finais: o lugar da crítica da ideologia frente à extrema direita

Em 14 de janeiro de 2020, poucos dias após a invasão do Capitólio protagonizada por apoiadores do então presidente dos Estados Unidos Donald Trump, Žižek publicou um artigo pouco comentado, porém não menos revelador, em seu blog mantido no site da Editora Boitempo. Com o título “O verdadeiro golpe de Trump” (2021), ele define o atual populismo de direita como um projeto essencialmente vazio e reativo, razão pela qual as suas aspirações antissistema devem, sempre, manter-se frustradas pelo bem de sua própria sobrevivência.

No entanto, ao descrever a dinâmica líder-subordinado presente no gesto de invasão, Žižek sugere a existência de um fenômeno importante, e no qual deveríamos estar prestando atenção: o que difere Trump de seus apoiadores, para ele, é, precisamente, a *crença* na causa populista.

[...] *as verdadeiras vítimas de Trump são seus próprios apoiadores comuns que levam a sério sua tagarelice contra as elites corporativas liberais e grandes bancos. Ele é o traidor de sua própria causa populista. Seus críticos liberais o acusam de apenas fingir conter seus apoiadores mais radicais que estariam dispostos para lutar violentamente em seu nome, enquanto na verdade ele estaria ao lado deles, incitando-os à violência. Mas a verdade é que ele de fato não está do lado deles.* (ŽIŽEK, 2021)

Ora, se voltarmos aos escritos do autor, conforme tentamos brevemente dar conta ao longo do artigo, veremos que o cinismo, a distância entre a crença e a passagem ao ato, a injunção de um “*mas*” que se segue à admissão de “saber o que se faz”, mostra-se central para a compreensão do funcionamento da ideologia na modernidade. E, como vimos no capítulo anterior, historicamente, a ruptura desta distância como modo de perturbar o poder tem sido advogada pela tradição zizekiana.

Se, com efeito, manifestantes trumpistas estão dispostos a *transcender* a posição cínica que caracteriza o jogo político moderno, ou, em outras palavras, se estes parecem agir conforme creem², é possível que estejamos presenciando um novo momento do embate ideológico, sustentado não pela radicalidade de uma esquerda antissistema, mas, precisamente, pela irrupção de uma extrema direita que parece promover uma *reação da reação*, perturbando a esquerda - hoje identificada com o *establishment* - de forma semelhante com a qual a NSK uma vez logrou perturbar as ordens socialista e capitalista.

É neste cenário, portanto, que se deve defender a atualidade da teoria crítica da ideologia como modo de dar conta dos fenômenos sociais em curso, pois falamos de um contexto em que a ascensão da extrema direita, em nível global, tem provocado transformações no funcionamento dos antagonismos políticos, fazendo, até hoje, com que o estágio de perplexidade, em muitos casos, não tenha sido sequer superado.

Referências

- ADORNO, T. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. **Blog da Boitempo**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/25/adorno-a-psicanalise-da-adesao-ao-fascismo/>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- BRYAR, T. **Preferring Žižek's Bartleby Politics**. In: International Journal of Žižek Studies. N. 1. Vol. 12, 2018.
- MONROE, A. **Interrogation machine: Laibach and NSK**. Cambridge: The MIT Press, 2005.
- SILVA, A. **O valor relativo das ilusões no pensamento de Slavoj Žizek**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.
- VIGHI, F.; FELDNER, H. **Žižek: beyond Foucault**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.
- ŽIŽEK, S. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008a.
- ŽIŽEK, S. **The Plague of Fantasies**. Londres: Verso, 2008b.
- ŽIŽEK, S. **The Sublime Object of Ideology**. Londres: Verso, 1989.
- ŽIŽEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

² Cabe destacar que essa discussão foi, inicialmente, levantada em palestra promovida por Vladimir Safatle para a Editora Boitempo. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=I8LKKO9RYII>

ŽIŽEK, S. O verdadeiro golpe de Trump. **Blog da Boitempo**, 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/01/14/zizek-o-verdadeiro-golpe-de-trump/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ŽIŽEK, S. Why are Laibach and NSK not Fascists? **NSK State**, 1993. Disponível em: <https://nskstate.com/article/why-are-laibach-and-nsk-not-fascists/>. Acesso em: 21 jul. 2021.